

Exame de virtude

Narra-nos um episódio autêntico que certo orientador do mundo israelita enviou um discípulo, que se notabilizara na interpretação dos Profetas, para determinada cidade, cujos habitantes se chafurdavam em vícios e enfermidades de toda espécie, com a recomendação de prestar-lhes concurso ativo.

Dois lustros correram, e porque as notícias do burgo fôssem cada vez mais inquietantes, o guia do povo chamou o enviado, que compareceu, em atitude hierática, mostrando, na túnica lirial e no semblante mortificado de jejuns, a rigorosa observância da Lei.

As primeiras interpelações ouvidas, respondeu, em tom grave:

— Mestre, para dar exemplo de virtude, retrei-me para o campo, onde todos sabem que existo.

— Compreendo — disse o mentor —, a solidão é necessária para que o pensamento se refaça com a inspiração divina; contudo, sem ligação com as criaturas humanas, é impraticável qualquer obra de auxílio.

E o entendimento continuou:

— Para não errar, vivo em completo mutismo, no fervor da oração.

— Medida essencialmente importante, mas, ainda que tenhamos de aprender em duras expe-

riências, é preciso falar para que o bem seja feito.

— Expondo a pureza dos meus sentimentos, visto-me exclusivamente de branco...

— Costume honroso; no entanto, isso não deve impedir que nossa roupa se enodee no trabalho de ajuda aos outros, para ser novamente lavada em momento oportuno.

— Minhas refeições são apenas de ervas.

— Hábito excelente; contudo, para trazer o corpo em condições de servir, é importante não desertar dos sistemas da alimentação comum, embora seja nossa obrigação garantir a simplicidade e fugir aos desregimentos, usando a carne, o leite, os ovos, as folhas, os frutos e as raízes dos animais e das plantas, tão sómente na quota indispensável à manutenção da existência.

— Durmo sem qualquer agasalho, fustigando as tendências inferiores...

— Louvável propósito, mas, na preservação da saúde orgânica, é justo repousar, nos moldes em que os outros descansam, a fim de que a vida no corpo nos ofereça maior rendimento para o melhor.

— Faço, porém, muito mais... Tenho o leito eriado de pregos, castigando a volúpia da carne...

— Nobre intento, sem dúvida... Entretanto, vale mais combater a nós mesmos, na prestação de serviço ao próximo, para que a nossa luta não seja vã...

Silenciando o pupilo, indagou o chefe:

— E a tarefa de que te incumbiste?

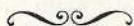
— Mestre — replicou o mensageiro, desapontado —, sinceramente devo dizer que os cuidados na apresentação da virtude me tomam o tempo todo...

Nisso, belo cavalo de alvo pelo entrou no átrio da casa, conduzindo pobre ferido, cujas últimas energias o deserto esgotara...

O velho orientador comandou as providências iniciais de socorro e, trazendo o discípulo à frente do soberbo animal que escarvava o solo, falou com bondade:

— Pois olha, meu filho, este cavalo igualmente mora no retiro da Natureza, não se expressa em linguagem humana, veste-se todo em cabelos cor de neve, come apenas a erva que brota do chão, dorme ao relento, é calçado de cravos perfurantes e não passa de um cavalo... Mesmo assim, é o companheiro dos viajantes fatigados e, ainda agora, acaba de arrebatar um mercador prestativo à sepultura de areia...

Em seguida, demandou o interior para confortar o recém-chegado, deixando o aprendiz a meditar quanto à vacuidade da virtude vazia.



10

Em nome de Jesus

Quando João Rigueira partiu da Terra, ardia ele no ideal de fazer o bem. Espírito prestativo, não adquirira, no entanto, merecimento para grandes alturas. Era preciso trabalhar mais, estudar mais...

Por isso, Nicésio, o benfeitor que desde muito o tutelara, foi claro no conselho, ao recebê-lo no Espaço:

— João, você, para elevar-se, precisa mais tempo entre os homens.

— Para quê? — indagou, surpreso, o recém-desencarnado, que aspirava aos céus.

— A fim de aprimorar-se, através do serviço em nome de Jesus — falou o guia.

E acrescentou:

— Além disso, você deixou no mundo a filha pequenina. Rosalva precisará de você...

Lembrou Rigueira o laço mais forte que o prendia na Terra.

Sim, Rosalva... O anjinho que a esposa inconsequente lhe deixara nos braços, quando seguira no encalço de aventuras inferiores... Desde a separação da companheira, entrara ele em duras lições de entendimento para esquecer, mas ficara a menina.

Recordava agora... Antes de libertar-se do corpo físico, entregara-a aos cuidados de pobre